

30 SET

Jota Alcides
Editor-Chefe

1993

Diátese brasileira

CORREIO BRAZILIENSE

Diante da desordem social e do descontrole econômico que afligem o País, sem perspectivas seguras que permitam confiabilidade quanto ao futuro mais próximo, constata-se em vários cenários da vida brasileira, hoje, manifestações e reações coletivas ou isoladas, de personalidades dirigentes e líderes políticos inclusive, revelando um estado psicológico de crescente tensão. Apreensões implícitas e explícitas se voltam para a direção de perigosa ruptura da linha de racionalidade, que precisa ser preservada em momentos de crise.

Com o agravamento da tensão social, sobretudo nos maiores centros urbanos, apesar de alguns sinais de revitalização da economia, está-se gerando, entre os brasileiros, numa visão de conjunto, uma disposição geral mórbida tal qual uma diátese, com vulnerabilidades e suscetibilidades aos mais variados sintomas de depressão. O ponto nevralgico da questão é econômico, mais diretamente a inflação com sua força devastadora. Mas, a inflação deixou de ser apenas um fator econômico sob interpretação exclusiva dos economistas. Está transformada em fator capaz de produzir um estado generalizado de neurastenia que integra o elenco de preocupações dos psicólogos sociais.

Este é um aspecto da crise que parece óbvio, mas que exige atenção e reação do Governo e da sociedade para que o exercício de compreensão dos sintomas acelere a aplicação dos remédios adequados. Uma vantagem da crise é exatamente esta: propicia reflexões e análise de alternativas que podem ter sentido duradouro. No caso brasileiro, apesar dos esforços empreendidos pelo governo Itamar Franco, lamentavelmente parece faltar uma iniciativa mais ousada e corajosa, sem ilusões ou aventuras, mas decisivas para mudar o rumo das coisas. O nervosismo, que afeta os brasileiros na luta do seu dia-a-dia, já está chegando aos gabinetes oficiais. O próprio ministro da Fazenda, Fernando Henrique Cardoso, reconhecidamen-

te um homem sereno, tem demonstrado ultimamente impaciência e inquietação, surpreendendo com reações intempestivas.

Em verdade, o problema crônico da inflação está produzindo, simultaneamente, entre os brasileiros, o que é qualificado como insensibilização e supersensibilização. A insensibilização deixa o povo simulando e assimilando uma postura de conformismo, como que atestando a sua impotência perante os abusos econômicos de gananciosos, exploradores, especuladores e inescrupulosos. A supersensibilização expõe os nervos da população à flor da pele em disposição para transformar a insegurança e a angústia por necessidades não atendidas em manifestações violentas que podem chegar ao nível de barbárie, como, infelizmente, tem acontecido por meio de arrastões, saques, chacinas e massacres.

Atacados pelos efeitos perturbadores da crise econômica e social, milhões de brasileiros, conscientes, semiconscientes e inconscientes estão sendo arrastados para o lugar comum onde quase todos se encontram, o vale das incertezas. Renovar-lhes a esperança e o sentimento de unidade nacional afetado pela degradação econômica e pela deterioração social é uma tarefa de urgência que se impõe ao Governo e aos dirigentes e líderes da sociedade. O problema crônico da inflação tem paralisado energias vitais, enfraquecendo o espírito de coletividade e esvaziando o sentimento de Nação.

Além da desorientação de sentimentos e da perturbação de sensibilidades coletivas, o excesso de angústia vai estimulando o egoísmo pernicioso, acirrando ânimos, alastrando neurose e abrindo caminhos para a convulsão. O resgate da dívida social acumulada com milhões de brasileiros é inadiável. A crise deixou de ser apenas econômica e passou a ser também psicossocial. A consequência dessa diátese pode ser a desagregação e a desintegração da sociedade brasileira. O sentimento das ruas é um alerta aos que têm compromisso e responsabilidade com os destinos da Nação.